

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-OP-015

Entrevistado: José Natividade Câmara

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

Data da entrevista: 30/01/2007

Horário da entrevista: 15h

Duração da entrevista: 42min29seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade
(monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Flávia Trópia (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 07/03/2007

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 10/03/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Elodia Lebourg – Boa tarde.

José Câmara – Boa tarde.

Elodia Lebourg – Eu queria começar com o senhor dizendo seu nome completo.

José Câmara – José Natividade Câmara.

Elodia Lebourg – Qual a data e o local de seu nascimento?

José Câmara – Oito de setembro de 1939.

Elodia Lebourg – Onde o senhor nasceu?

José Câmara – Piranga¹.

Elodia Lebourg – O senhor tem algum apelido, alguma maneira que prefere ser chamado?

José Câmara – Não, não.

Elodia Lebourg – Posso chamá-lo de Senhor José?

José Câmara – É.

Elodia Lebourg – Qual é o nome dos seus pais?

José Câmara – Salvador Sabino Câmara.

Elodia Lebourg – E da sua mãe?

José Câmara – Luzia Cândida Câmara.

Elodia Lebourg – Em que seu pai trabalhava?

José Câmara – Mexia em roça. Era agricultor.

Elodia Lebourg – Ele é também de Piranga?

José Câmara – Era de Piranga.

Elodia Lebourg – E sua mãe?

José Câmara – Também era de Piranga.

Elodia Lebourg – E trabalhava com o quê?

José Câmara – Como doméstica, em casa.

Elodia Lebourg – Por que o senhor veio para Ouro Preto? Por que saiu de Piranga?

¹ Município de Minas Gerais.

José Câmara – Porque roça, naquela época, era muito difícil, não é? Resolvemos nos mudar para Ouro Preto. Já tem muitos anos. E a gente está aqui até hoje.

Elodia Lebourg – O senhor veio com sua família ou veio sozinho?

José Câmara – Com minha família.

Elodia Lebourg – Seus pais vieram também.

José Câmara – Vieram.

Elodia Lebourg – O senhor tem irmãos?

José Câmara – Tenho uma irmã. Nós éramos três irmãos. Nós perdemos uma com 52 anos. Outra mora em Belo Horizonte². E eu. Nós somos três irmãos.

Elodia Lebourg – Qual idade o senhor tinha quando veio para Ouro Preto?

José Câmara – Acho que eu tinha uns 10 anos, por aí.

Elodia Lebourg – Seus outros irmãos são mais velhos ou mais novos do que o senhor?

José Câmara – Eu sou mais velho do que elas.

Elodia Lebourg – Nessa época, quem trabalhava era só seu pai.

José Câmara – Era só ele.

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto, ele veio trabalhar com o quê?

José Câmara – Ele trabalhava em torrefações.

Elodia Lebourg – O que é isso?

José Câmara – Tinha uma torrefação de café na Rua Alvarenga³. Era Café Aura. Ele conseguiu um emprego lá e acabou se aposentando. Depois faleceu. Morava nas Cabeças.

Elodia Lebourg – O senhor trabalhou em alguma outra profissão ou foi só garimpeiro?

José Câmara – Não, eu trabalhei na indústria, em Saramenha: ALCAN Alumínio do Brasil⁴.

Elodia Lebourg – Trabalhou na ALCAN com o quê?

José Câmara – Trabalhava no forno.

Elodia Lebourg – Forno?

José Câmara – É, serviço de produção.

² Capital de Minas Gerais.

³ Localizada no bairro Cabeças, em Ouro Preto.

⁴ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Saramenha, bairro de Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

Elodia Lebourg – O que fazia nesse serviço?

José Câmara – Na época, eu entrei como peão. Passado um tempo – naquela época era mais difícil –, eu passei a encarregado. A gente tinha um terno⁵. Eu tomava conta de um terno.

Elodia Lebourg – Quando foi isso? Quando o senhor entrou para a ALCAN?

José Câmara – Eu entrei em janeiro de 1957.

Elodia Lebourg – E ficou até quando?

José Câmara – Até maio de 1983.

Elodia Lebourg – Aí se aposentou pela ALCAN?

José Câmara – Pela ALCAN.

Elodia Lebourg – Então, essa foi a principal atividade profissional ao longo da sua vida?

José Câmara – Foi sim. Trabalhei lá como líder de turno, não é? Hoje, eles falam líder. Naquele tempo, falava-se encarregado. Hoje falam líder de turno.

Elodia Lebourg – Além desse serviço na ALCAN e no garimpo, o senhor trabalhou em outra área?

José Câmara – Não, só em garimpo. Trabalhava lá e, nas folgas, em garimpo.

Elodia Lebourg – O que é um garimpo?

José Câmara – O garimpo, a gente... É assim... Nós só garimpamos topázio. Por exemplo, somos três colegas que trabalhamos juntos, em sociedade. Só topázio. Nós tivemos uma firma. Em 1970, nós tínhamos uma firma na Vermelhão⁶. A gente trabalhava na ALCAN e, nas folgas, na Vermelhão. Nós tínhamos uma firma lá: Oca Amarela Limitada. Éramos cinco sócios na época. Era com garimpo também, mexia com topázio.

Elodia Lebourg – Como a firma se chamava?

José Câmara – Oca Amarela Limitada. Nós éramos empreiteiros da Vermelhão.

Elodia Lebourg – O que é essa Vermelhão?

José Câmara – Vermelhão hoje é... Era dos Mendes⁷. Os Mendes venderam para os gringos. São os gringos que tocam, até hoje.

Elodia Lebourg – Então era uma firma.

⁵ Equipe de trabalho.

⁶ Mina do Vermelhão, dedicada à exploração de topázio imperial. Localizada em Saramenha.

⁷ Família Mendes, proprietária de mineradoras na região.

José Câmara – Era uma firma, uma firma grande. Nós trabalhávamos como empreiteiros. Tinha diversos empreiteiros.

Elodia Lebourg – Onde era essa firma? Onde ela atuava?

José Câmara – Em Saramenha de Cima⁸.

Elodia Lebourg – E explorava o quê?

José Câmara – Só topázio.

Elodia Lebourg – O senhor sabe me dizer se existe alguma diferença entre minerar e garimpar?

José Câmara – Muito pouca diferença, não é? Porque nego⁹ fala minerar mais para ouro, que eu acredito assim... O garimpo de topázio é um troço mais... Já tem aquele nome assim... Garimpar, não é? Garimpo de topázio.

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto, sabe me dizer um pouco mais quando começou esse garimpo ou então essa mineração? Qual é a origem disso? Tem muito tempo, não tem?

José Câmara – Olha, quando eu vim para Ouro Preto, mais velho um pouquinho, a gente ouvia falar em garimpo, mas só tinha em Dom Bosco¹⁰. Aí depois surgiu esse aqui, em Saramenha.

Elodia Lebourg – Em Dom Bosco era topázio?

José Câmara – Garimpo também. Topázio também. Boa Vista, falava-se mais Boa Vista.

Elodia Lebourg – Boa Vista é onde?

José Câmara – Boa Vista é perto de Rodrigo Silva¹¹, ao lado.

Elodia Lebourg – É um povoado?

José Câmara – Não. É uma meia dúzia de casa que tem lá.

Elodia Lebourg – Ali também tinha exploração de topázio.

José Câmara – Já tinha exploração de topázio também.

Elodia Lebourg – O que é esse topázio imperial? Como é a forma dele? Tem cor?

José Câmara – Tem. Tem que ter cor. Tem que ter pureza. Por exemplo, uma pedra, se ela der cinco gramas, ela tem que ter cor, pureza, porque o amarelo vale pouco. O citrino faz o mesmo efeito do topázio amarelo.

⁸ Bairro de Ouro Preto.

⁹ Gíria utilizada para indicar uma pessoa qualquer.

¹⁰ Região próxima a Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, onde existe o Colégio Dom Bosco.

¹¹ Distrito de Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Quais cores podem aparecer em um topázio? O senhor falou amarelo...

José Câmara – As melhores cores são o roxo e o vermelho.

Elodia Lebourg – O nome aqui da cidade é Ouro Preto. O que é o ouro preto?

José Câmara – Menina, eu não entendo bem disso, mas acredito que... Antigamente, eles tiravam muito ouro, não é? Aí eles apelidaram de ouro [por causa de um trem que deve ter]¹². Eu não vi o ouro preto, não. Dizem que tem o ouro preto. Mas eu acredito que a cidade... O foco da... Aqui, todo emprego era ouro; no tempo da escravidão só se mexia com ouro. Por isso eles apelidaram aqui de Ouro Preto. Eu creio que sim.

Elodia Lebourg – Existia ou existe alguma devoção religiosa específica do garimpeiro?

José Câmara – Eles falam que Nossa Senhora da Lapa é protetora dos garimpeiros, não é?

Elodia Lebourg – É? Por quê?

José Câmara – Não sei! [riso] Eles falam que é.

Elodia Lebourg – O senhor é devoto dela?

José Câmara – Sou.

Elodia Lebourg – Existe alguma data que é especial para o garimpeiro?

José Câmara – Não, que eu saiba não.

Elodia Lebourg – Quando o senhor começou a garimpar?

José Câmara – Eu comecei mesmo foi em 1970. A gente tinha essa firma em Saramenha. Éramos cinco sócios. Nessa época a gente começou e continuou, até hoje.

Elodia Lebourg – Nessa época, o senhor já trabalhava para a ALCAN?

José Câmara – Trabalhava. A gente trabalhava três horários e, nos dias de folga, a gente trabalhava lá.

Elodia Lebourg – Você se associa a mais cinco pessoas.

José Câmara – É. Era sócio de cinco pessoas.

Elodia Lebourg – Como surgiu essa iniciativa de se associar para explorar?

José Câmara – Porque o serviço é muito difícil, é muito... Mexer com terra assim, uma pessoa ou duas, é difícil. Tinha um cara, um moço lá, um tal de

¹² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Paulo Mapa. Ele fazia parte do terreno, ele era um dos donos. Ele nos convidou para entrarmos na sociedade com ele. Ele trabalhava na Companhia¹³ também nessa época. Falei assim: “Então vamos”. E nós arrumamos mais sócios e trabalhamos. Aí se exigiu que nós montássemos uma firma e montamos essa Oca Amarela.

Elodia Lebourg – Quanto tempo durou essa firma?

José Câmara – Ah, deve ter durado uns três anos!

Elodia Lebourg – Em seguida vocês fecham? A firma termina?

José Câmara – Não. Aí o contrato venceu. Nós tínhamos contrato sem tempo determinado, mas demos uma bobeira e não registramos o contrato no fórum. Se tivesse registrado, reconhecido firma... Aí a Vermelhão fez outro contrato conosco, por mais 90 dias só. Venceu e eles não quiseram renovar mais. Aí nós paramos.

Elodia Lebourg – Com quem o senhor aprendeu a garimpar?

José Câmara – Foi com a turma, não é? A gente apanhou uma prática.

Elodia Lebourg – Como era então esse garimpo? Como era esse aprender a garimpar, junto com a turma? Tinha alguém mais experiente que passava ou aprendia todo mundo junto?

José Câmara – É o seguinte: a gente, que mexe com garimpo, está... Vamos supor, dá uma picareta, uma pá, uma ferramenta... Ou uma máquina está cortando, fazendo [o estrago em todo]¹⁴. A gente vê a terra, a gente já tem tanta experiência, que sabe. Pela experiência que a gente apanhou nesses garimpos aí, a gente sabe se tem topázio ou não. A gente vê a cor da terra, se a terra é areenta, se tem uma espécie de um caulim na terra...

Elodia Lebourg – Isso tudo é característica de ter topázio?

José Câmara – É. Pode acontecer ter.

Elodia Lebourg – Por que o senhor se tornou garimpeiro, nesse momento?

José Câmara – Porque o garimpo ajuda muito.

Elodia Lebourg – Como assim?

José Câmara – Ajuda, porque pode acontecer a você achar uma pedrinha aí. Se ela tiver cor e pureza, arruma um dinheiro mais rápido. Hoje, para você ganhar 10, 15 mil reais é difícil. No garimpo... Você pode chegar ao garimpo

¹³ A ALCAN.

¹⁴ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

agora e achar uma pedrinha: ela vale 10 mil reais. Com um dia de serviço! E também pode trabalhar um mês, dois e não achar nada. Já aconteceu com a gente.

Elodia Lebourg – Mas, no geral, o senhor encontra ou encontrava muitas pedras?

José Câmara – Sempre encontro.

Elodia Lebourg – Nesse valor, já encontrou alguma?

José Câmara – Já, já encontramos. Eu já achei uma pedra de 375 gramas – eu e mais três sócios.

Elodia Lebourg – Aproximadamente, isso vale quanto?

José Câmara – Hoje, uma pedra dessa vale uns 150, 180 mil dólares.

Elodia Lebourg – Dólares?!

José Câmara – É! [riso] Mas, na época, nós a vendemos... Falava-se milhão ainda, não era real. Nós vendemos por 25 milhões.

Elodia Lebourg – E aí ficou rico!

José Câmara – Era muito dinheiro, mas [riso] acabou rápido, não é? [risos] Dinheiro do garimpo vai rápido. Acha rápido e acaba rápido também.

Elodia Lebourg – Ué?! Por quê?

José Câmara – Sei lá! É dinheiro muito sacrificado, é muito difícil achar! Mas recebe uma bolada de uma vez, não é? Com isso, a gente fica pensando assim: “Oh, eu achei! Nós vamos achar outra pedra agora! Nós vamos achar outra!” Acaba ficando naquela ilusão. Aí demora achar.

Elodia Lebourg – Como garimpeiro, o senhor possui algum tipo de registro profissional?

José Câmara – Nós garimpamos clandestinamente.

Elodia Lebourg – É?

José Câmara – É. [riso]

Elodia Lebourg – Mas existe algum tipo de registro profissional para o garimpeiro?

José Câmara – Existe. Nós estamos formando uma cooperativa agora. Vamos nos legalizar, todo mundo.

Elodia Lebourg – Que cooperativa é essa?

José Câmara – Ah, nós estamos formando uma cooperativa de garimpeiros, aqui.

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto ou...?

José Câmara – Em Ouro Preto e Rodrigo Silva.

Elodia Lebourg – Quais são os objetivos dessa cooperativa, o senhor sabe?

José Câmara – O objetivo dela é que a gente pode... A gente consegue uma área e, legalizando a cooperativa, vamos conseguir área. Por exemplo, o Edmar¹⁵, de Rodrigo Silva, já libera área para a gente. A gente trabalha dando a ele 15%. A gente trabalha há muito tempo na área dele. E ele vai liberar para a cooperativa, a gente vai ter que pagar, direitinho, uma taxa dos impostos. Pagando os impostos, não tem problema de polícia ou de Meio Ambiente¹⁶, não é? Porque já tem um contrato, a cooperativa já faz um contrato com ele. Nós vamos destruir, mas nós vamos recuperar as áreas todas de novo.

Elodia Lebourg – Então, para o senhor é interessante a criação dessa cooperativa.

José Câmara – A cooperativa vai ser muito boa. Eu vou ser um dos fiscais também. Vicentinho¹⁷, um dos presidentes. Outro rapaz de Rodrigo Silva é presidente também.

Elodia Lebourg – O senhor vai ser fiscal.

José Câmara – Eu vou ser fiscal.

Elodia Lebourg – O que é ser fiscal em um garimpo?

José Câmara – É para não deixar ninguém pegar uma pedra e vender sem nota fiscal, não é? Quer dizer, tem uma turma aqui e outra turma ali; ninguém pode vender uma pedra sem emitir nota fiscal. Pode vender com nota fiscal.

Elodia Lebourg – Mas como o senhor vai fazer essa fiscalização? Vai ao lugar...

José Câmara – A gente corre a turma, não é? A gente, sabendo que a turma... Vendo o lugar onde a turma costuma trabalhar, a gente vê o que está produzindo. Nós somos vários fiscais: um fica em uma turma um dia, outro fica na outra, não é? Correr a turma para ver.

Elodia Lebourg – É necessário ter alguma habilidade especial para garimpar?

José Câmara – Ter coragem, só! [riso]

Elodia Lebourg – Coragem?!

¹⁵ O entrevistado não mencionou o nome completo.

¹⁶ Refere-se aos órgãos governamentais relacionados à legislação, preservação e fiscalização do meio ambiente.

¹⁷ O entrevistado não mencionou o nome completo.

José Câmara – Coragem e cansar o corpo, não é? Porque cansa: um serviço muito cansativo! Quando a gente está mexendo na terra, garimpando em terreno assim, em lavra, enquanto a gente está produzindo trabalha pouco; tem que olhar a terra, direitinho, para não ter condição de lavar, porque tem que ter reprise. Aí o serviço é maneirado. Mas, quando é para [inaudível] descarga, aquilo é lá e cá, meter o pau mesmo.

Elodia Lebourg – Que tipo de material, de equipamento é usado em um garimpo?

José Câmara – Oh, nós temos picareta, pá, enxada para a terra. Agora, quando é aluvião, beira de córrego, aí nós usamos peneirão, enxada para lavar e carrinho.

Elodia Lebourg – O topázio imperial ocorre tanto na terra quanto perto de água?

José Câmara – Perto do córrego, beira córrego. Por exemplo, Barraginha, Barração, tudo é beira córrego.

Elodia Lebourg – O que o senhor falou?

José Câmara – Barraginha e Barração. Tudo é beira córrego.

Elodia Lebourg – O que é isso?

José Câmara – Barraginha é um córrego que deságua lá perto de Itatiaia¹⁸ – ali se chama Itatiaia. Para cima é Barraginha e Barração. A gente tem o leito do rio, trabalha ao lado do rio. A gente afunda, ao lado do rio, uns três, quatro metros e pega um veio de cascalho de 15, 20 centímetros de altura. Aí a gente tira aquele cascalho e lava. Já sai um barro, um tipo de barro, no meio do barro ali. A gente tem que lavar no peneirão.

Elodia Lebourg – Que é tipo uma peneira mesmo?

José Câmara – É uma peneira. É um latão, um tambor: a gente o corta, perfura e prega umas tábuas de lado. Fica tipo um quadradozinho assim¹⁹. A gente vai, pega o cascalho no carrinho e lava.

Elodia Lebourg – Dependendo do tipo de mineral que se procura, dá diferença nesse equipamento, nesse material que o senhor comentou? Ou é um equipamento que se usa para todo tipo de mineração?

¹⁸ Distrito de Ouro Branco.

¹⁹ O entrevistado indica com as mãos o formato.

José Câmara – Oh, em quase todo tipo de mineração é usado esse peneirão, menos no ouro, não é? Ouro já é diferente. A gente já não tem experiência em trabalhar com ouro, não.

Elodia Lebourg – Nunca trabalhou com ouro?

José Câmara – Nós trabalhamos uma vez, mas só na bateia, lá no Salto²⁰. No Salto tem topázio também, em uma área lá do canal. A gente trabalhava com esse tipo também. Tirava o topázio e aproveitava o ouro. Igual ao Barrajão, Barraginha: muita gente aproveita o ouro. Mas nós, quando estamos lá, não aproveitamos, não.

Elodia Lebourg – O senhor comentou algumas características que o senhor observa para escolher um local para garimpar. Eu queria que o senhor me explicasse isso um pouco melhor. Que tipo de características o senhor observa e encontra naquele lugar o topázio?

José Câmara – Para se encontrar mais fácil?

Elodia Lebourg – É. O senhor falou que o solo tem que ser um pouco mais arenoso, tipo um caulim. Como é isso?

José Câmara – Isso aí é muito difícil explicar, menina, porque só mesmo a experiência. Quando a gente vai encontrar uma formação de topázio, a gente encontra... Tem que encontrar o [corte]²¹ que é o cristal, e perto do cristal costuma dar o caulim. Você achou aquelas bolas grandes de cristal e achou o caulim: um metro ou dois ali por perto, pode procurar que o topázio está perto. Na área que dá topázio.

Elodia Lebourg – Dependendo do tipo de mineral que o senhor está buscando, o local vai variar? O senhor percebe, com a sua experiência, essas características específicas para o topázio. E para o ouro, o solo, essas características são iguais ou são diferentes?

José Câmara – Oh, já mexemos uma vez com ouro, mas só na bateia, porque eu não tenho experiência. O ouro eu não sei assim, não tenho certeza.

Elodia Lebourg – Senhor José, a partir do momento que o senhor localiza o topázio, quais são as etapas do garimpo? Como se explora, nas jazidas de topázio?

²⁰ Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto.

²¹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

José Câmara – Você fala para tocar, explorar? A gente vai mais no tipo assim sem... Da prática assim. Às vezes, lá vai um veio de topázio para cá. Você lá vai para cá e abre uma mina – se o barranco é muito alto, se não tem jeito de... A gente não trabalha com máquina, só manual. A gente pega e abre uma mina, acompanhando aquele veio até terminar. Aí terminou. O lugar em que der formação para o outro lado [inaudível] a gente cai para o outro lado.

Elodia Lebourg – Mas como é esse trabalho? Como o senhor vai usar, nessas etapas, os equipamentos que o senhor falou: a pá, picareta, enxada...

José Câmara – Carrinho, esse trem²²...

Elodia Lebourg – Como é?

José Câmara – Esses carrinhos comuns puxam areia. Pá é essa comum também. Vai tudo no braço, tudo é manual. A gente vai tirando a terra, pondo no carrinho e jogando fora. A gente não joga essa coisa perto de lugar onde vai descer pelo córrego. A gente arruma um lugar... Para não descer, para não soterrar muito o córrego, para não dar problema. No tempo em que a gente não entendia nada de meio ambiente, a gente até fazia! Hoje, a gente já entende um pouquinho de meio ambiente, não é? A gente já vai trabalhando mais seguro um pouquinho.

Elodia Lebourg – Como aconteceu isso, entender mais de meio ambiente? O que despertou vocês para essa atenção de cuidar do meio ambiente, enquanto estão trabalhando?

José Câmara – Oh, a gente quase nem tinha tempo de assistir à televisão. Mas a gente começa a ver na televisão, conversa com um, conversa com outro, um vai explicando, outro vai explicando. Quer dizer, hoje a gente não faz como fazia há uns anos. Quando a gente está trabalhando, em Rodrigo Silva, no terreno da Imperial²³ – o Edmar é o dono da Imperial – a gente nem... A gente não joga em cima da grama, porque a enxurrada vem e desce a terra, vai lavando a terra ali por cima da grama. Já tem até local de jogar terra também. Às vezes, você anda uns 20, 30 metros para jogar um carrinho de terra, em um lugar que não vai prejudicar.

Elodia Lebourg – O senhor comentou agora uma mudança, que foi a conscientização de vocês. O senhor garimpa desde a década de 1970.

²² Trem, neste caso, é uma referência às ferramentas utilizadas.

²³ Topázio Imperial Mineração.

José Câmara – Isto.

Elodia Lebourg – De lá para cá, mudou alguma coisa no processo de garimpar? Alguma coisa melhorou?

José Câmara – Oh, melhorou porque, conforme a área em que estiver trabalhando, pode pôr máquina. Primeiro não podia. Não tinha condições de pagar uma máquina. Aliás, até podia colocar máquina, mas a gente achava que no braço era melhor, que se pusesse máquina ia sumir o veio, essa coisa. O que mudou mais foi isto: hoje, conforme a área, pode colocar máquina.

Elodia Lebourg – Eu queria que o senhor falasse um pouco mais dos locais em que o senhor já garimpu. O senhor comentou Saramenha, Vermelhão, Salto...

José Câmara – É. Barraginha, Barração, tudo eu já garimpei. Água Fria...

Elodia Lebourg – Onde é isso?

José Câmara – Água Fria é para cima de Barração também. Água Fria faz divisa com Ouro Preto e Ouro Branco²⁴: do lado de lá do córrego é Ouro Branco; o lado de cá pertence a Ouro Preto. Em Dom Bosco eu já garimpei também.

Elodia Lebourg – Que tipo de garimpo era nesses lugares? Era mina?

José Câmara – Não. Lá, tudo é aluvião.

Elodia Lebourg – Aqui também?

José Câmara – Não. Aqui é terreno. Aqui e em Rodrigo Silva é terreno. Barraginha, Barração, Água Fria e Salto... Salto é de lá do canal; em uma época, há muitos anos, desceu da Barraginha, Barração para lá. Dom Bosco também é aluvião.

Elodia Lebourg – Em termos de tamanho, eram jazidas grandes? Como era essa exploração?

José Câmara – Em Rodrigo Silva, é uma jazida, uma lavra, como a gente fala, não é? Nesses garimpos de aluvião, é coisa pequena.

Elodia Lebourg – Aluvião então, no geral, tende a ser menor?

José Câmara – Não é que tem que ser menor, não. É mais difícil, porque é muita terra por cima e pouco cascalho por baixo.

²⁴ Município de Minas Gerais.

Elodia Lebourg – Entendi. Senhor José, o senhor sabe o que é uma Área de Reserva Garimpeira?

José Câmara – Ah! Não sei assim, não!

Elodia Lebourg – O senhor sabe me dizer o que torna uma área de garimpo ilegal?

José Câmara – É ilegal porque a gente não tem ordem para trabalhar. Não é isso? Eu acho que sim. A gente não tem a ordem para trabalhar ali. Quer dizer, nessas beiras de córrego a gente não tem ordem, mas eles falam que no leito do córrego a gente pode trabalhar. Dizem que tem uma lei, não é? Agora... [risos]

Elodia Lebourg – Então não pode garimpar no entorno, mas no leito pode. É isso?

José Câmara – Eles falam que pode.

Elodia Lebourg – Por que não pode nesse espaço do entorno?

José Câmara – Porque o terreno mais... Tudo tem dono, é particular. Tem um ditado: o leito do córrego é da Marinha, não é? [risos] Eles falam isso.

Elodia Lebourg – O que pode acontecer quando alguém garimpa em uma área ilegal?

José Câmara – Oh, pode... Eu conheço área onde a polícia já foi e já até prendeu gente! Prendeu e multou. Por exemplo, em umas áreas de Barraginha e Barrajão não pode pôr motor. Tinha gente que trabalhava com motor e esse pessoal foi multado.

Elodia Lebourg – No caso do topázio, como o senhor reconhece o mineral quando está garimpando? Ele sai assim da terra, é bem visível, tem um tamanho...? Como é isso?

José Câmara – Tem de todo tamanho. Sai visível. Tem muita diferença.

Elodia Lebourg – Dizem que o ouro, às vezes, é difícil olhar, porque ele sai quase que em grãozinho, bem pequeno, não é?

José Câmara – É. Sai quase um pozinho. O topázio não. O topázio, mesmo no meio da terra, já brilha um pouco. Na hora que brilhou, pode olhar que é topázio.

Elodia Lebourg – Além da terra, não tem uma camada que o reveste?

José Câmara – Não, não. Ele já sai visível mesmo. Quando está lavando – a gente lava no peneirão –, melhor ainda. Na hora que a gente está passando a enxada para lavar, o pessoal que está lavando já o enxerga.

Elodia Lebourg – Alguma época do ano é melhor para garimpar?

José Câmara – Não. É ruim garimpar agora só em terreno. Mas tocar aluvião, onde dá para lavar, à beira córrego, não tem problema.

Elodia Lebourg – A chuva não atrapalha?

José Câmara – Não. Não atrapalha, não.

Elodia Lebourg – E horário, tem um horário que é melhor para garimpar?

José Câmara – Para nós não tem, não. Não tem hora para pegar, não. Sempre pega às sete horas, oito. Não tem hora para largar. Larga ao meio-dia, às duas horas... Assim que cansou já vem embora. Se estiver produzindo, a gente aproveita mais o dia; se não estiver produzindo, a gente vem embora mais cedo.

Elodia Lebourg – O senhor trabalha, em média, quantas horas por dia?

José Câmara – Na base de seis horas. Tem dia que trabalho sete.

Elodia Lebourg – O senhor comentou que, se estiver produzindo, trabalha mais.

José Câmara – Trabalho mais, mais tempo, não é? Mais hora trabalhada. Quando não está produzindo, a gente cansa muito, porque faz descarga, essa coisa. Quando está produzindo, a gente trabalha mais hora e trabalha menos assim... Mais hora e menos forçado. Força menos.

Elodia Lebourg – Mas o que é esse “estar produzindo”?

José Câmara – Quando está saindo topázio.

Elodia Lebourg – Aí é mais fácil também trabalhar?

José Câmara – É mais fácil, porque a gente tem que escolher, olhar o cascalho... Se estiver trabalhando na terra, a gente tem que pegar a terra, às vezes até quebrar torrão com a mão, porque costuma ficar agarrado dentro do torrão, dentro da terra. A gente corta aqueles pedaços grandes de terra com picareta e aí tem que quebrar tudo na mão.

Elodia Lebourg – Como é avaliado o resultado do garimpo, saber se está valendo a pena, se não está, se pode começar a explorar? Como é isso?

José Câmara – É muito difícil falar assim, porque às vezes está produzindo pedra ruim, topázio ruim: pequenininho ou amarelo ou o que for. A gente fica

naquela ilusão: onde tem uma pedra ruim pode ter uma pedra boa. A gente fica naquela ilusão, falando assim: “Vamos trabalhar! Vamos trabalhar mais! Vamos tocando, vamos tocando!” E acaba, às vezes, a gente tocando e não achando a pedra boa nada!

Elodia Lebourg – O que é a pedra ruim?

José Câmara – Pedra ruim é a pedra que está estourada, amarela.

Elodia Lebourg – Pedra estourada é o quê? Também não sei.

José Câmara – É toda jaçada aqui dentro.

Elodia Lebourg – Aí não tem como aproveitar?

José Câmara – Não tem. Tem, aproveita, mas para fazer outra coisa. Não dá para lapidar. Pode fazer assim um [capuchão]²⁵. Muita gente costuma vender até aquilo para... Me parece que eles fazem lixa também. Vende esses trens²⁶, isso mesmo.

Elodia Lebourg – O que o senhor falou? Se não dá para lapidar, dá para fazer uma o quê?

José Câmara – Pode fazer [capuchão]²⁷.

Elodia Lebourg – O que é isso?

José Câmara – [Capuchão]²⁸ são esses... Eles a perfuram e fazem um tipo de cordão assim.

Elodia Lebourg – Ah, sim!

José Câmara – Eles a cortam, perfuram e fazem um cordão. Mas já não é mais uma coisa bonita. A outra, lapidada, é muito melhor, não é?

Elodia Lebourg – Como é feita a venda desse produto?

José Câmara – Oh, a gente vende mais é... Ouro Preto tem diversos compradores. Mas a gente vende mais é em Rodrigo Silva, para o dono da lavra lá.

Elodia Lebourg – Então como é isso? Vocês trabalham para ele ou não?

José Câmara – Não. A gente trabalha para ele também, no terreno dele. Ele passa o terreno para a gente, de março até 30 de dezembro, dia 31 de dezembro. O que se achar na área dele vende para ele. Mesmo nas outras áreas onde a gente trabalha, costuma levar tudo para ele, vender para ele.

²⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁶ Trens, neste caso, é uma referência aos produtos que podem ser vendidos.

²⁷ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Elodia Lebourg – Em Rodrigo Silva, quem é esse dono da lavra? É o dono da mineração do topázio?

José Câmara – É. É o dono da mineração, da Imperial.

Elodia Lebourg – Quando não está trabalhando em Rodrigo Silva, quando está trabalhando ou no Dom Bosco ou em Saramenha, onde o senhor vende o resultado de topázio que o senhor obtém?

José Câmara – A gente costuma vender para ele e costuma vender aqui, em Ouro Preto também.

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto, vende para quem?

José Câmara – Ah! Vende para Carlos Henrique²⁹, para a Brasil Gemas³⁰, vende para Antônio Bibiano, uma turma aí que compra. Mas sempre a gente leva mais para lá.

Elodia Lebourg – Essas pessoas são donas de joalherias?

José Câmara – O Carlos Henrique é.

Elodia Lebourg – E o Antônio Bibiano?

José Câmara – Esse é comprador também.

Elodia Lebourg – O dono da mina em Rodrigo Silva aceita o topázio que vocês encontram aqui, desde que ele seja puro?

José Câmara – É, seja puro. Ele compra também.

Elodia Lebourg – De uma maneira geral, que tipo de problema pode acontecer em um garimpo?

José Câmara – Ah... Assim... Como você fala?

Elodia Lebourg – Por exemplo, o senhor trabalhar em um local e esse local ser invadido por outros garimpeiros; o garimpo fechar, se esgotar...

José Câmara – Pode acontecer de fechar. Mas os garimpeiros são tão... Parece que são assim, mais ou menos, unidos. Por exemplo, em Barraginha, Barração, a gente está tocando um aluvião aqui, o outro está tocando ao lado: não passa para o serviço do outro, ninguém mexe.

Elodia Lebourg – Ah, é?

José Câmara – É. Ninguém invade, não. Ninguém faz invasão, não. Todo mundo respeita a área em que a pessoa está trabalhando.

²⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁰ Joalheria localizada no centro de Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Quando um garimpo se esgota, isso é um problema? Tem que ir para outro lugar?

José Câmara – A gente procura outra área. Por exemplo, nós estamos em uma área aqui: fracassou, não quer sair mais topázio, a gente procura outra área.

Elodia Lebourg – Como garimpeiros, como vocês definem que aquele lugar fracassou, que não tem mais como retirar nenhum mineral dali? Como é isso?

José Câmara – A gente vê. Quando é aluvião, acabou o cascalho, é difícil achar outro naquele local onde a gente está. Você já tira ali três, quatro metros de terra por cima para achar uns 15, 20 centímetros de cascalho. E ele costuma falhar. Às vezes, a gente pega, faz outra cata para frente e não dá mais cascalho. A gente pára naquele lugar e procura outra área.

Elodia Lebourg – Que tipo de acidente pode acontecer em um garimpo?

José Câmara – Ah, de terreno, pode rolar uma terra! Tem que trabalhar com muito cuidado! Cair um barranco. Hoje, em tempo de chuva, pelo menos, mexer em lavra é muito difícil. Em Rodrigo Silva, o Edmar fecha. Para os garimpeiros ele fecha. Só ele toca a lavra, sem perigo; ele tem muito maquinário, essa coisa. Para garimpeiro que trabalha na sua área, para dar comissão, ele fecha: 31 de dezembro. E só depois da chuva agora, só em março, fim de março, por aí. Porque é muito perigoso.

Elodia Lebourg – Quem é esse que o senhor comentou?

José Câmara – Lá da Imperial, lá de Rodrigo³¹.

Elodia Lebourg – É o dono da mina?

José Câmara – É o dono da mina.

Elodia Lebourg – São muitos funcionários nessa mina?

José Câmara – Na mina dele?

Elodia Lebourg – É.

José Câmara – Ah, não sei quantos!

Elodia Lebourg – Aproximadamente?

José Câmara – Eu não tenho certeza. Agora, trabalham na área dele – todo ano ele libera as áreas que ele pode liberar – umas 20 pessoas, de 20 a 30, por aí.

³¹ Rodrigo Silva.

Elodia Lebourg – Além dos funcionários.

José Câmara – É.

Elodia Lebourg – Nessa mina, onde o senhor presta serviço, é tudo maquinário industrial.

José Câmara – Na mina deles, da firma deles é tudo maquinário. Mas nós não. Nós temos que pagar máquina. Quando trabalhamos na área dele, se quisermos colocar máquina, nós temos que pagar do bolso.

Elodia Lebourg – E vocês fazem isso ou trabalham manualmente?

José Câmara – Não. De vez em quando a gente faz.

Elodia Lebourg – O senhor já sofreu algum tipo de acidente, como esse que o senhor falou para mim?

José Câmara – Não, não.

Elodia Lebourg – Mas conhece algum caso?

José Câmara – Não. Já ouvi falar, mas nós não... Dizem que já aconteceu barranco cair e matar pessoas. Mas eu não conhecia esse pessoal também, esses caras que morreram.

Elodia Lebourg – Existe alguma gíria, alguma expressão que é própria do garimpeiro?

José Câmara – Não. Não tem, não.

Elodia Lebourg – O minerador de ouro, quando acha pirita³², fala muito ouro de tolo.

José Câmara – [riso] Não. Para nós, não. De topázio, não.

Elodia Lebourg – Hoje, mais cedo, veio aqui um garimpeiro de topázio e falou curiango.

José Câmara – [riso] Curiango é... Por exemplo, tem a lavra aqui de Saramenha, da Vermelhão e da JJ³³. Às vezes, lá está produzindo, aí junta uma turma: “Está produzindo lá! Vamos lá à noite fazer um curiango?” Ser curiango é isso! [riso] Mas é escondido, não é? [riso]

Elodia Lebourg – Mas é o quê? Vai lá e rouba?

José Câmara – É. Isso aí eles falam curiango. Mas nossa turma nunca fez, não!

³² Conhecida como ouro de tolo, sua ocorrência está associada ao carvão mineral, constituindo uma das suas principais impurezas. Por sua aparência, pode ser confundida com ouro.

³³ JJC Mineração Industrial e Comércio Ltda.

Bernardo Andrade – Inaudível.

Elodia Lebourg – Mas já fez?

José Câmara – Ah! Tem gente aí que já deve ter feito, às vezes.

Elodia Lebourg – Ele usou um outro termo: bamburro.

José Câmara – Bamburro é quando acha uma pedra boa. [riso]

Elodia Lebourg – Isso já aconteceu com o senhor, não é?

José Câmara – Já aconteceu.

Elodia Lebourg – Atualmente, o senhor trabalha com garimpo?

José Câmara – Trabalho. No outro mês, nós...

Elodia Lebourg – Onde?

José Câmara – No outro mês, nós fomos a Boa Vista, garimpendo dentro do córrego, de enxada e pá.

Elodia Lebourg – E ainda trabalha com um grupo de pessoas.

José Câmara – Nós somos três. E lá tem muita gente garimpendo, não é? Mas nós trabalhamos em sociedade. Somos três.

Elodia Lebourg – São os mesmos sócios daquela outra firma que o senhor tinha?

José Câmara – Não, não.

Elodia Lebourg – São outras pessoas.

José Câmara – Outras pessoas.

Elodia Lebourg – Quem são essas pessoas?

José Câmara – É o Assis³⁴, o Mauro de Jesus³⁵ e eu. Nós somos três.

Elodia Lebourg – Além da Boa Vista, onde mais vocês têm ido?

José Câmara – A gente garimpava nesse córrego de Saramenha também, que descia na Vermelhão, não é? A gente agora vai mais é para Barraginha, Barrajão, porque está ficando difícil por aqui.

Elodia Lebourg – Por quê?

José Câmara – Ah! Tem área, mas as áreas são todas proibidas, não é?

Elodia Lebourg – A área é proibida?

José Câmara – Quer dizer, a ALCAN tem umas áreas aí que dão topázio, mas ela não... ALCAN não, Novelis, não é? Eles não abrem mão para ninguém trabalhar.

³⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁵ Mauro de Jesus, entrevistado pelo Vale Registrar.

Elodia Lebourg – Senhor José, o garimpo atrapalha mesmo o meio ambiente?

José Câmara – Conforme o lugar, com um motor, atrapalha. Atrapalha porque deixa a terra muito [inaudível] e suja a água muito, com o motor. Para a gente, que trabalha manualmente, não tem problema. A gente já trabalha mais de acordo para não sujar muito a água.

Elodia Lebourg – Essa poluição que está vindo aí, descendo pelos córregos, quando vocês estão trabalhando na água, isso não é perigoso para a saúde de vocês?

José Câmara – Apanha muita friagem, não é? Igual a esse córrego aqui: tem soda, não é?

Elodia Lebourg – Tem o quê?

José Câmara – Soda. Porque a Companhia tem um lago de lama para cima, e não deixa de passar um pouco de soda, sempre, não é?

Elodia Lebourg – Ela faz mal para a saúde?

José Câmara – Ah, eu creio que não deve fazer bem, não! Quem trabalha nesse córrego trabalha de bota de borracha, bota de cano longo para não apanhar soda nos pés.

Elodia Lebourg – Então, hoje em dia, tem um pouco essa preocupação com equipamento de segurança. Vocês usam botas. O que mais vocês usam?

José Câmara – É só bota. Bota de borracha.

Elodia Lebourg – Além do garimpo, hoje em dia o senhor tem outra atividade profissional?

José Câmara – Não.

Elodia Lebourg – Continua só garimpendo.

José Câmara – Só garimpendo. Garimpendo e aposentadoria, só.

Elodia Lebourg – Senhor José, em relação ao seu universo profissional, tem algum fato, alguma história, engraçada ou triste, que o senhor queira contar para a gente, que o senhor guardou na memória?

José Câmara – Ah, não lembro isso, não!

Elodia Lebourg – Bernardo?

Bernardo Andrade – Não.

Elodia Lebourg – Senhor José, tem alguma outra coisa que a gente não abordou nesta entrevista e que o senhor quer comentar?

José Câmara – Não. Não tenho, não.

Elodia Lebourg – Então, eu queria agradecer a presença do senhor e fazer uma última pergunta. O que o senhor achou de ter participado do Vale Registrar e de ter dado o depoimento para a gente hoje?

José Câmara – Muito bom! Achei bom.

Elodia Lebourg – Gostou?

José Câmara – Gostei. Muito bom!

Elodia Lebourg – Senhor José, obrigada.

Bernardo Andrade – Obrigado.

José Câmara – Obrigado a vocês! [riso]

[Término da entrevista]